

CIRCO E ESCOLA: O PROFESSOR COMO PRINCIPAL PERSONAGEM DA TRAMA EDUCACIONAL

Pedro Eduardo Duarte Pereira(1), Júlia Roberta Gomes de Sá(1), Alexsandra Araújo dos Santos(2), Wellison Gomes Casado(3), Zélia Maria de Arruda Santiago.

1. Mestrando em Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, pedroedu80@gmail.com ;1. Mestre em Biologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; juliapontess@hotmail.com ; 2. Mestre em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; sandrinha.nutrisport@gmail.com , 3. Mestrando em Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, wellisonpibid@gmail.com , 4. Professora doutora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

RESUMO

Para esta produção acadêmica, foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde propomos analisarmos os contextos que envolvem a educação pública, suas dificuldades, seus desafios, seus problemas e seus dilemas, associados às práticas executadas pelos professores, fazendo um comparativo entre a escola e o circo, e entre o professor e o palhaço.

Com esse objetivo, foi feito visitas a escolas públicas, realizando pesquisas orais e escritas com professores, profissionais ligados à educação e discentes, com o fim de diagnosticar os problemas vividos em cada unidade educacional e as visões apontadas como solução para os problemas que a educação passa na atualidade, fazendo também uma pesquisa bibliográfica dos contextos da existência e da dinâmica de um circo, servindo de comparativo entre as duas realidades – circo e escola.

E assim, foi visto que o problema da educação vai além de problemas dos professores, que não é apenas uma formação de qualidade e remuneração justa que vai melhorar a educação no Brasil, precisam da união de família, governo e sociedade inseridos no contexto escolar para surtir os efeitos que tanto se faz necessário.

Palavras chaves: Educação, professor, escola, circo, palhaço.

ABSTRACT

For this academic production, a qualitative survey was conducted, in which we propose to analyze the contexts that involve public education, their difficulties, their challenges, their problems and dilemmas associated with the practices implemented by teachers, making a comparison between the school and the circus, and between the teacher and the clown.

For this purpose, were made visits to public schools, performing oral research and written with teachers, professionals linked to education and students, in order to diagnose the problems experienced in each educational unit and visions as a solution to the problems that education passes nowadays, also doing a literature search of the contexts of the existence and dynamics of a circus, serving as a comparison between the two realities - circus and school.

Thus, it was seen that the education question goes beyond teachers' problems, which is not only a quality formation and fair remuneration that will improve education in Brazil, it needs the family union, government



and society entered the school context to generate the effects that are necessary.

Key words: education, teacher, school, circus, clown

INTRODUÇÃO

A educação brasileira focaliza metas, na maioria das vezes, com base na atuação profissional do professor, traçando perfis de ‘resultados’ acerca do ensino e aprendizagem dos alunos, sobretudo na educação básica. Os traços do perfil docente na escola dizem respeito ao professor dinâmico, inovador, criativo, com boa formação acadêmica e continuada, considerados como qualidades do professor competente capazes de tornar a educação eficiente no contexto brasileiro.

Nestes termos, há uma expectativa confiante de que o fazer educativo depende diretamente da figura do professor, estando as demais categorias da comunidade escolar excluídas da eficiência sobresselente da educação escolar exigida pelas metas do desenvolvimento socioeconômico da sociedade contemporânea. Vale salientar que tais colocações surgem de leituras próprias elaboradas na minha experiência docente como professor de matemática no ensino fundamental II. Por isso, a inquietação em traçar uma analogia entre a escola, o professor e o palhaço atuando no circo, de cuja analogia elencamos alguns aspectos que norteiam a funcionalidade dos profissionais que atuam no espaço da escola e do circo, respectivamente.

Estes profissionais agem nestes espaços como educadores e, assim, atuam nestes ambientes educativos, portanto, traçando problemas cotidianos que dizem respeito a realidade social dos alunos e suas expectativas lúdicas e de aprendizagens. Esta comparação analógica baseada na minha experiência docente inspira o norte desta discussão em torno do que o professor é capaz de fazer em sala de aula e que realmente ele consegue fazer, sobretudo, em termos do ensino do conteúdo matemático.

Observando o que PEDROSO (2009), afirma em relação a implementação de novas práticas educativas, dentre as quais se destaca o uso de estratégias do ensino diversificado, as quais podem auxiliar na superação de obstáculos na aprendizagem escolar, sobremaneira a matemática. Nesta perspectiva, é importante frisar esta concepção nas seguintes palavras “podem auxiliar”, entendendo-se que novas estratégias de ensino favorecem o aprendizado escolar. No entanto, será que novas práticas educativas são suficientes para uma educação de qualidade, a exemplo do ensino de matemática? Que estratégias devem adotadas pelos professores para se ter resultados satisfatórios no aprendizado da matemática?





Outras questões mais amplas podem se agregar a estas, como: será que desde a estrutura física às condições adversas vividas por alunos e professores, configurados no contexto educacional, não terão importância na eficiência dos resultados educacionais? Quais são os principais problemas enfrentados pelos professores de matemática no ensino básico público? Retomando a relação analógica escola-circo, professor-palhaço, será que a infraestrutura e funcionalidade destes espaços educativos, assim como, as condições de atuação destes profissionais não são semelhantes?

Com base nestas questões empíricas geradas na minha prática docente, pretendemos discutir que o professor é o personagem principal na realização das práticas educativas escolares, no entanto ele sozinho não será capaz de contribuir para operacionalizar propostas educacionais de ensino, tampouco assegurar aos alunos um aprendizado capaz de inseri-los nas práticas sociais cotidianas. Como docente verifico que as dificuldades são diversas e recorrente, comuns e rotineiras, as quais exigem maior compromisso dos educadores, sobretudo de ações governamentais.

Em termos teóricos esta discussão funda-se nos autores que discutem a transformação social por meio da educação que transforma indivíduos, como frisa FREIRE(2001):

Sei que o ensino não é a alavanca para a mudança ou transformação da sociedade, mas sei que a transformação social é feita de muitas tarefas pequenas e grandes, grandiosas e humildes! Estou incumbindo de uma dessas tarefas. Sou um humilde agente da tarefa global de transformação. Muito bem, descubro isso, proclamo isso, verbalizo minha opção. (FREIRE, 2001, p.60)

2.METODOLOGIA

Esta pesquisa com foco na metodologia qualitativa, com levantamento de dados realizado em dez escolas públicas na cidade de João Pessoa, sendo seis municipais e quatro estaduais, durante os meses de junho e julho de 2016, onde foram entrevistados todos os diretores responsáveis pelas respectivas escolas. Alguns professores e alunos abordados de forma aleatória nos corredores da escola nos intervalos das aulas, além de outros profissionais da educação (merendeiras, pessoal da limpeza, bibliotecárias, pedagogas e porteiros).

Para esta discussão foi realizado um diagnóstico das condições de ensino-aprendizagem oferecidas a alunos e professores no cotidiano de dez escolas públicas na cidade de João Pessoa-PB, a fim de entender como a educação nelas funciona. Neste sentido, o que realmente se deseja com esta educação vivenciada por alunos e professores nestas escolas. A partir deste diagnóstico, através

do qual detectamos ausência de condições favoráveis a funcionalidade do trabalho docente, conseqüentemente, dos alunos, do qual se traçou um perfil comparativo entre a realidade do circo a realidade escolar, assim como, professor-palhaço, visto que ambos são os personagens protagonistas em seus locais de trabalho.

Os temas abordados entre os professores e demais profissionais das escolas voltaram-se às práticas educacionais e condições de trabalho escolar, também, os pontos de vista sobre as realidades corriqueiras das escolas, sendo sobrepostas por professores e alunos. Para os alunos também foram abordados temas relacionados aos professores e aos principais problemas enfrentados por todos no cotidiano escolar, encontrando pontos comumente citados por alunos e professores.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. EDUCAÇÃO: CIRCO VERSUS ESCOLA

Circo deriva-se da palavra latina *circus que significa* “circunferência”, local comumente utilizado por um coletivo de artistas de diferentes especialidades (malabaristas, palhaços, acrobatas, contorcionistas, equilibristas, ilusionistas, entre outros), centrados num único objeto: proporcionar momentos de descontração e lazer a uma plateia que lhe assiste.

A escola é uma instituição constituída de alunos e profissionais da educação concebida como um lugar de ensino e aprendizagem sob a direção de professores. Um espaço voltado ao ensino das ciências, artes, técnicas, linguagens, entre outras, requerendo-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, com o objetivo de transmitir/ensinar conteúdos científicos aos alunos.

Para o funcionamento tanto do circo com da escola, ambos os estabelecimentos necessitam de uma visão coletiva de todas as pessoas que fazem parte do conjunto circo/escola, apenas as presenças dos palhaços/professores não irão surtir os resultados almejados, todos os profissionais devem está engajados para seus respectivos espetáculos, ambos representam um conjunto, um grupo que necessita está conciso no alcance de seus respectivos objetivos.

No circo os artistas se apresentam após ensaios repetitivos para a execução sem falhas de todos os números artísticos, utilizando equipamentos adequados e seguros para o momento do espetáculo, manutenções rotineiras dos equipamentos utilizados nos espetáculos, roupas adaptadas a



cada número artístico; rotina seguindo uma ordem cronológica de apresentações, aquecimento físico dos artistas antes da execução de seus papéis e atribuições, sonorização e iluminação adaptada a cada momento, essenciais à atratividade artística, transformando o espaço do circo num reprodutor de encanto e magia; mas, por que a escola não consegue ser atrativa ao seu público? Para responder tais questionamentos, temos que analisar bem mais que os professores, e estes dados serão apresentados posteriormente, a partir da análise de escolas, entrevistas com alunos, professores e profissionais ligados à educação.

3.2. EDUCAÇÃO: PROFESSOR *VERSUS* PALHAÇO

Qual o principal personagem que vem à cabeça quando se fala em circo? E quando se fala em escola? Conforme o saber popular, o palhaço é o personagem principal da arena do circo. Independentemente da quantidade e variedades artísticas apresentadas no circo, o personagem mais destacado neste contexto espetacular é o palhaço.

Num espetáculo o palhaço artista consegue construir junto à plateia momentos de interação, expectativas e riso. Nesta arena, antes de o palhaço entrar em cena existe uma estrutura preparada e planejada para que o mesmo se constitua como o centro das atenções de todos os presentes, a fim de que as apresentações envolvam a plateia, sobretudo crianças. Nestes momentos, o palhaço torna-se palhaço da vida ao convergir para este cenário a realidade da sua vida social e subjetiva. Neste momento o palhaço assume-se artista do circo e palhaço da vida, muitas vezes, sabiamente, predispondo-se a (re) produzir risos.

Em situações similares a sala de aula representa o circo da aprendizagem, nela contendo alunos como plateia e professor como o profissional idealizador do processo educacional. Igualmente como o palhaço, considerado o personagem principal no circo, o professor pode ser considerado o artista principal da educação escolar. Mesmo, que o circo possua inúmeros artistas no seu elenco, assim como na escola contém os demais profissionais da educação, se não tiver um palhaço o público, certamente, ficará esperando-o. Neste sentido, o espetáculo do circo não será completo, cuja situação torna-se semelhante à presença do professor na escola, sobretudo na sala de aula, se não houver professor não existe alunos, quer dizer público para o espetáculo.



Nas palavras finais da declaração do Riso da Terra, documento gerado no Festival Mundial do Circo, produzido e dirigido pelo palhaço Xuxu (Luiz Carlos Vasconcelos), em 02 de dezembro de 2001, diz o seguinte:

Cultivemos o riso contra as armas que destroem a vida. O riso que resiste ao ódio, à fome e as injustiças do mundo. Cultivemos o riso. Mas não o riso que descrimine o outro pela sua cor, religião, etnia, gostos e costumes. Cultivemos o riso para celebrar as nossas diferenças (disponível em [HTTP://www.artesdocirco.com.br/Declaracao-do-Riso-da-Terra.html](http://www.artesdocirco.com.br/Declaracao-do-Riso-da-Terra.html). Acesso em 15 de junho de 2016)

Este texto foca um riso consciente, comprometido e responsável, abordado como princípios básicos para o desempenho do papel de um palhaço. Mas, será que esses princípios não são iguais aos princípios básicos pelos quais a educação deve se nortear? Estas colocações não lembram a função do professor que além do riso, deve gerar conhecimento e cidadania na formação dos alunos? Quanto a profissão do professor, CHALITA (2003) faz uma importante colocação acerca do cotidiano deste profissional, vejamos:

Acreditamos que as dificuldades, os conflitos, as guerras e as intolerâncias que gradativamente se apodera do mundo são resultado dessa total inversão de valores que predomina nas sociedades configurando um tempo em que até mesmo a esperança parece estar mais escassa. Cabe a nós estar conscientes da importância de nosso papel e amparar, reerguer, reavivar os sentimentos, valores e atitudes que poderão renovar a confiança em dias melhores. (CHALITA, 2003)

A consciência de nossos papéis perante as plateias é o principal caminho para o desenvolvimento de objetivos educacionais com qualidade, observando que professor e palhaço quando atuam, apesar das diferenças estruturais, realidades e localizações, possuem fins e características comuns, os risos.

4. PROFESSOR: PROBLEMA NA EDUCAÇÃO?

Dentre os problemas existentes na educação brasileira o professor, muitas vezes, é visto como um dos seus principais problemas. Sempre focado em termos dos baixos salários, que de acordo com estudo realizado pela Education at a Glance 2014, mostram esta baixa salarial entre professores brasileiros, além da sua falta de qualificação. Mas será que a educação alcançaria os seus objetivos apenas resolvendo os problemas de qualificação apropriada e reconhecimento



financeiro? Erik Hanushek et al (1986) defendem a hipótese da qualidade do professor fazer correlação positiva com o desempenho de seus alunos.

No ponto de vista político, um bom professor é avaliado por habilidades variadas para lecionar, como a motivação e a capacidade de se adaptar a alunos de diferentes características. Mesmo o professor sendo/possuindo todas estas características/atributos, resolveria os problemas da educação brasileira ou será que as estruturas oferecidas nos contextos governamentais, organizacionais, emocionais, físicas, didáticas e sociais não interferem diretamente na qualidade da educação?

Com base nesta breve discussão, listamos alguns problemas relacionados ao cotidiano escolar, colhidos através de visitas e entrevistas com os personagens de dez escolas públicas situadas na cidade de João Pessoa-PB, nos bairros do Bessa, Novais, São José, Cruz das Armas, Oitizeiro e Centro. Vejamos alguns problemas detectados NAS escolas pesquisadas:

1. Estruturas físicas: a grande maioria das escolas pesquisadas funciona em edificações antigas, que enfrentam problemas estruturais que englobam desde goteiras, panes elétricas, baixa ou falta de iluminação apropriada para as salas de aula, salas quentes ou abafadas, higienização insuficiente, banheiros depredados, falta de acessibilidade para alunos com deficiência, salas com alunos amontoados; e mesmo as escolas que funcionam em edificações construídas recentemente, já apresentam inúmeros desses problemas citados acima, inclusive facilmente detectados pelo uso de materiais de baixa qualidade na construção/manutenção desses.
2. Falta de material didático: mesmo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), em que os livros didáticos são escolhidos pelos professores de cada disciplina atuantes na escola para utilização da escola durante um triênio, a falta de livros didáticos ainda é visto na maioria das escolas, tanto as de ensino fundamental, como nas de ensino médio; em algumas escolas existem laboratórios, entre estes laboratórios, existem laboratórios de informática, de robótica, de química, de matemática, de inglês, como também quadras poliesportivas, no entanto estes laboratórios são pouco aproveitados, e este não aproveitamento está ligado diretamente com os professores, desde a proibição da utilização para não desgastar tais equipamentos, vindo a proibição pelo corpo diretivo, como também a falta de treinamento dos professores de como utilizar estes laboratórios, e até mesmo a falta de manutenção e a falta de técnicos que possam dá suporte aos professores; outro dado surpreendente é a falta de materiais didáticos





- básicos (pincel para quadro branco, papel ofício, tinta em impressoras, computadores, impressoras, entre outros), que dariam suporte para a produção de atividades extras, estavam escassos na maioria das escolas, e mesmo nas que tinham, estes materiais estavam racionados, existe um limite da quantificação de materiais que poderiam ser usados mensalmente.
3. Estrutura organizacional: nas escolas estaduais, além dos professores só existem o corpo diretivo, pessoal de limpeza, secretaria e merendeiras, sem nenhum especialista/técnico educacional (orientadores, coordenadores, supervisores, psicólogos e assistentes sociais), no entanto, nas escolas municipais, recentemente houve a contratação de todos estes profissionais através de concurso público, sendo necessário apenas uma coesão de suas atividades em prol de uma educação de qualidade.
 4. Contextos sociais que envolvem a escola, os professores e os alunos: nesse ponto, são inúmeras as dificuldades que foram apresentadas na pesquisa, sendo apresentadas a seguir apenas as de maiores incidências de respostas. Vejamos algumas:
 - Falta de renda dos alunos: deixam de estudar para trabalhar, com o intuito de ter alguma renda produzida em subempregos ou trabalhos ligados ao crime ou tráfico de drogas, seja para ajudar a família ou como forma de realizar seus anseios consumistas.
 - Falta de interesse: desmotivação falta de perspectiva de um futuro melhor, dificuldades de aprendizagem.
 - Problemas ocorridos no decorrer da convivência escolar: contendas/brigas/confusões, ameaças, bullying, relacionamentos amoroso-sexuais, preconceitos e violência.
 - Presença de alunos em salas de aula apenas pela obrigatoriedade imposta por alguns programas sociais governamentais, onde foi visto que alguns alunos estão inseridos nestes programas sociais, como também a presença na escola pela degustação da merenda, que para alguns, é a principal e até a única alimentação realizada em seu dia.
 5. Tecnologias obsoletas: no mundo globalizado em que vivemos, a escola necessita e deve acompanhar os passos dados pela tecnologia, e nesse ponto, foi visto nas escolas visitadas que grande parte não tem internet disponibilizada para seus alunos, e em algumas, esta restrição também funciona para os professores, justificando-se tais fatos pelo uso assoberbado das redes sociais por docentes e discentes, que deixam de lado o processo de ensino-aprendizado para utilizarem a internet de formas e maneiras indevidas, esquecendo



que além de ter inúmeros instrumentos e metodologias de ensino que estão intrínsecas na internet, as redes sociais também apresentam inúmeras formas que podem servir no auxílio da comunicação entre alunos e professores e entre alunos e alunos, contribuindo para a formação e fixação do conhecimento.

6. Alunos com transtornos, retardos ou deficiências físicas ou mentais: além da falta de estrutura física já citada anteriormente, a falta de subsídios que deem apoio a professores e alunos que têm em sala de aula algum aluno com alguma necessidade especial em sala é muito visível, também foi observado vários transtornos, retardo ou deficiências mescladas na mesma sala de aula, e sabe-se que cada caso deve ser tratado de forma particular, onde contribua com uma real educação inclusiva, inclusive gerando a necessidade de uma sala de recursos voltadas ao atendimento individual e especializado em problema abordado, no entanto, o que se observou foi apenas a inclusão física destes alunos em sala de aula, pois não há interação social real entre alunos ditos “normais” e esses alunos; no mais, também se escutou o discurso de grande parte dos profissionais da educação, de que nem na academia, nem os governos aos quais prestam serviços, oferecem formação para o trabalho com alunos nesta situação, no geral os professores se sentem perdidos, sem saber como atuar.
7. Ausência da família no processo de ensino aprendizagem: de acordo com Brandão (1978, p.8-9), “educação são todos os processos sociais da aprendizagem, não há uma forma nem único modelo de educação, a escola não é um único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor (...)”, e nessa citação vemos que em tese, o maior contato social do alunado é com sua família, ou assim deveria ser, e é essa educação que a escola deveria complementar, frisando o que Brandão (1982) acredita que entre homens, a educação é o que dá a forma e o polimento para que, a partir daí, a pessoa possa se construir. E esse papel da educação não pode nem deve ser executado apenas pelo professor.

Num circo, as rotinas também são adversas, inúmeras dificuldades são apresentadas, principalmente com a questão de serem nômades, educação para as crianças que vivem no circo, moradias adaptadas aos artistas e famílias, mas quando se trata da estrutura apresentada ao seu público, tenta mostrar o mais perfeito possível, o mais atrativo para a comunidade que o cerca, essa aparência é o que estimula a presença de seu público. E por que não se tenta mostrar e fazer da educação uma atração que estimule o público ir à procura de conhecimento?

5. COMO A EDUCAÇÃO DEVE SER TRATADA



A educação associa-se a processos de interação e comunicação pelos quais os membros de uma determinada sociedade assimilam habilidades, técnicas, atitudes, saberes, valores existentes nos meios culturalmente preparados, alcançando patamares necessários para produzir outros valores, saberes e técnicas.

Através da educação gera-se a possibilidade de dar um norte para onde se quer chegar, e quando se sabe que já nascemos com uma enorme potencialidade para aprender, dependendo apenas de motivação ou estímulos que podem surgir dos mais diversos meios, sejam através dos professores, pais, amigos e de onde menos se espera. A educação precisa ser vista com mais compromisso por todos que fazem parte dela ou de quem está inserido em seu contexto, até porque a educação é vivência, é aprender a ser, no convívio com o outro, nas relações entre os seus conhecimentos e na vida cotidiana, tendo mudança de qualidade nas suas relações. Segundo Gadotti(1997, p.162), afirma que:

A mudança de qualidade nas relações que mantêm a sociedade ativa é fruto de uma lenta e por vezes violenta maturação qualitativa, no interior dessas mesmas relações. É um trabalho muitas vezes anônimo, do professor, por exemplo. A educação só pode ser transformadora nessa luta surda, no cotidiano, na lenta tarefa de transformação da ideologia, na guerrilha ideológica travada na escola. (GADOTTI, 1997)

A escola que entendemos ser necessária, é aquela que arremete na formação contínua de seus docentes e por essa razão, compreende o educador e a educadora progressista, de acordo com FREIRE (2000), como aquele que:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade.(FREIRE, 2000, p.44)

Mas, enquanto tiver apenas vendo o professor como responsável de todo o processo educacional, as mudanças necessárias para uma educação de qualidade não acontecerão. O Estado, a sociedade, A escola como um todo e a família, cada um assumindo suas responsabilidades, agindo unidas com o objetivo destas mudanças e não se esquecendo de trabalhar as individualidades de forma coletiva, tendo a consciência de que família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, marcos de referencial existencial. Como cita Tiba (1996, p.111):

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na





educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculado às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996)

A educação tem a responsabilidade de perpassar a herança cultural de uma sociedade, compreendendo assim um processo de socialização, uma vez que:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146)

Brandão (1982, p. 12), diz que “a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível”, mostrando que a vida é um processo educativo, onde o professor é parte de um sistema organizado. A atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento “total” do organismo, conforme diz Piaget (1982, p.7):

Do ponto de vista biológico, a organização é inseparável da adaptação: Eles são dois processos complementares de um único mecanismo, sendo que o primeiro é o aspecto interno do ciclo do qual a adaptação constitui o aspecto externo. (PIAGET, 1982)

Mas, como entender o processo de assimilação da aprendizagem? O próprio Piaget (1996, p. 13), define como:

Uma interação às estruturas prévias, que podem permanecer invariáveis ou são mais ou menos modificados por esta própria integração, mas sem descontinuidade com o estado precedente, isto é, sem serem destruídas, mas simplesmente acomodando-se à nova situação. (PIAGET, 1996)

Ou seja, todos os personagens e tudo que cerca cada aluno interferem diretamente no processo de aprendizagem, e conseqüentemente no sistema educacional ao qual está inserido, da mesma forma que todos os personagens que fazem parte do circo na procura de realizar os espetáculos na procura do riso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visto que o professor sem dúvida é o principal personagem da escola, e quanto mais próximo ele esteja dos alunos, realizando o trabalho com compromisso, idoneidade, respeito, responsabilidade, entre outros atributos, provocará uma qualificação substancial do processo de aprendizagem. Como afirma Cury (2003):



Professores fascinantes são professores revolucionários. Ninguém sabe avaliar o seu poder, nem eles mesmos. Eles mudam paradigmas, transformam o destino de um povo e um sistema social sem armas, tão somente por prepararem seus alunos para a vida através do espetáculo das suas ideias. (CURY, 2003, p.79)

O poder revolucionário para a sociedade está ligado diretamente à educação, e é essa educação que o professor é seu personagem central, mas que não tem como fechar os olhos para o que o cerca, as inúmeras dificuldades enfrentadas. Isaac Newton, em uma de suas frases e pensamentos disse que “o que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”, e é nessa vertente que devemos prestar atenção, não ignorando o que permeia em todos os processos educacionais, olhando firme com atenção para este oceano que tantos ignoram e que vem somente esta gota d’água chamada de professor.

Professores são personagens importantes para a história da sociedade, ele ajuda na formação dos cidadãos que ajudarão a formar essa sociedade, é a eles que os pais entregam seus filhos, depositando confiança e esperança num futuro melhor, para despertá-lo ao gosto por aprender, para que seus filhos se construam em suas liberdades e sejam autônomos. Freire (1966) deixa isso bem claro quando afirma:

A conscientização é um compromisso histórico (...), implica que os seres humanos assumam seu papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exigem que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (...), está baseada na consciência – mundo. (FREIRE, 1966)

Através dessa conscientização, podemos complementar com o que Lya Luft afirma em uma famosa frase de sua autoria: “Podemos tirar o nariz de palhaço e construir algo real com nossas escolhas”. Deixemos o nariz de palhaço de lado e encaremos as realidades da escola, sobretudo de sala de aula apresentadas, pois o professor, com a cara limpa sem maquiagem, que será capaz de mudar a história de muitos espectadores que tanto esperam por gargalhar.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. R.J. FUNARTE, 1978
_____, O que é educação? S.P.Brasiliense, 1982. (Coleção primeiros passos).
CHALITA, Gabriel. Pedagogia do amor, 2003.
CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes, 2003.
FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade, 1996.



_____,Direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) Pedagogia dos sonhos possíveis/Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____, Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. Autonomia da escola: princípios e preposições. S.P. Cortez, 1997.

PIAGET, Jean e INHELDER, Barbel. A psicologia da criança. São Paulo: Difel, 1982.

PEDROSO, C.V. Jogos Didáticos no Ensino de Biologia: Uma proposta Metodológica Baseada em Módulo Didático. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR. 26 a 29 outubro de 2009.

PIAGET, Jean. Biologia e conhecimento. 2ª edição. Petrópolis:Vozes,1996.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. 1ª edição. S.P. Editora Gente, 1996.

